

PURISMO LINGUÍSTICO, GALICISMOS E APORTUGUESAMENTO UMA EQUALIZAÇÃO PARA ALÉM DA IRONIA EM LIMA BARRETO

Flavio Biasutti Valadares¹⁷

RESUMO

O texto apresenta uma análise da obra *Os Bruzundangas*, de Lima Barreto. Objetiva mostrar, nos desdobramentos decorrentes das características do texto barretiano, principalmente da ironia, o uso de estrangeirismos, a partir de levantamento de galicismos, na perspectiva de seu posterior aportuguesamento ou não, com base em sua dicionarização, além da ideia de purismo linguístico presente à época. Valemo-nos do referencial teórico-conceitual da História das Ideias Linguísticas e da Teoria da Variação e Mudança Linguística; como procedimentos metodológicos, elaboramos levantamento de palavras/expressões em língua francesa no livro *Os Bruzundangas* para a consecução de nosso objetivo. Concluímos que muitas das palavras francesas presentes na obra analisada não se disseminaram e que algumas delas estão em uso até os dias atuais, ampliando o acervo lexical da nossa língua.

¹⁷ Pós-Doutorado em Letras/UPM-SP e Doutorado em Língua Portuguesa/PUC-SP. Endereço eletrônico: flaviovaladares2@gmail.com.

Palavras-chave: História das Ideias Linguísticas; Teoria da Variação e Mudança Linguística; Purismo Linguístico; Lima Barreto.

LOCALIZANDO LIMA BARRETO E NOSSO PERCURSO

Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922) é um dos mais importantes escritores brasileiros e encontra-se em um período marcado, na história brasileira, por profundas e conturbadas transformações sócio-econômico-políticas na capital do país, o Rio de Janeiro. Em suas obras, Lima Barreto tece recorrentemente críticas às relações sociais no Brasil, principalmente quanto ao comportamento típico diante de títulos e honrarias, isto é, em sua visão, parecer é sobreposto a ser, determinando o *modus operandi* das pessoas ante a autoridades doutas.

Schwarcz (2019, p. 137) defende que Lima Barreto “foi uma voz aguda, e muitas vezes solitária, no Brasil da Primeira República e no território estendido do Rio de Janeiro, que seguia a linha do trem da Central do Brasil, unindo e separando ‘Centro’ dos subúrbios cariocas”. Também, que o escritor nunca negou que fazia ‘literatura de si’. A pesquisadora destaca que a história de Lima Barreto possui intensidade tal que acabava por ‘se confundir’: “Confunde-se com sua história privada. Confunde-se com uma certa história do Brasil que promete inclusão, mas entregou muita exclusão social. Confunde-se, ainda, com sua obra sem ser um resumo dela” (SCHWARCZ, 2019, p. 138).

Ainda, Schwarcz (2017) sustenta que:

A literatura de Lima pode ser considerada, portanto, e a partir de 1903, quando aceita o trabalho na Secretaria da Guerra, como uma “literatura em trânsito”, marcada por um discurso ambivalente. Em alguns escritos sua vizinhança representa a pureza não conspurcada pela “civilização artificial do Rio”; em outros, os subúrbios não passam de locais com hábitos atrasados e pouco preparados para uma nova modernidade. E a mesma ambivalência é demonstrada nos escritos sobre o “centro”; considerado por Lima como um local de práticas estrangeiradas e importadas, é também o espaço para seu projeto de sucesso na literatura (SCHWARCZ, 2017, p. 123).

Mais especificamente, em *Os Bruzundangas*¹⁸, Guedes (2012, p. 65-66) crava que

Lima Barreto expõe tudo o que se deseja para uma estrutura de uma sociedade civilizada, moderna e, nessa exposição, ri desse ideal de sociedade, expondo também, e principalmente, a precariedade do que se concebia como modelo de civilização e como se fazia no Brasil a sociedade “moderna” e “civilizada”. Nessa criação do autor,

¹⁸ Obra disponível em: https://digital.bbm.usp.br/bitstream/bbm/4801/1/001174_COMPLETO.pdf. Mantivemos as citações feitas de acordo com a edição de 1922.

há o riso que mostra a alegre relatividade de uma ordem social. O país dos bruzundangas apresenta-se grandioso, conformado a partir de um ideal de estrutura, assentado em sua lenda fundadora, narrado pela sua literatura e representado por sua nobreza e por seus heróis. Por outro lado, revela-se cheio de trapalhadas com seus erros, incoerências e problemas governamentais. Essa é a carga ambivalente dessa construção literária (GUEDES, 2012, p. 65-66).

Na obra, destacamos os aspectos relacionados aos usos de palavras emprestadas do francês utilizadas pelo autor como forma de empreender uma discussão sobre variação e mudança linguística considerando contatos linguísticos advindos de empréstimos externos, de um lado; de outro, o purismo linguístico que emergia ao final do Século XIX e início do Século XX, decorrente de influências de uma elite social que imperava na direção de manter seu *status quo* via valorização do culto.

Nesse conjunto literário selecionado, a partir de uma das principais características do texto de Lima Barreto – a ironia, objetivamos mostrar as palavras importadas que foram empregadas e que passaram pelo processo de aportuguesamento *a posteriori* e as que não o foram, além de evidenciarmos de que maneira empréstimos linguísticos funcionam em situação de contatos linguísticos, tornando-se parte do acervo lexical da língua, sendo adotado ou não pela comunidade linguística, ou mesmo permanecendo na esfera de um estrangeirismo.

Para sua consecução, adotamos como procedimento metodológico o levantamento de todas as palavras/expressões importadas da língua francesa que Lima Barreto utiliza, em itálico, no livro selecionado para esse trabalho – *Os Bruzundangas*. Nessa perspectiva, o referencial teórico ampara-se na História das Ideias Linguísticas e na Teoria da Variação e Mudança Linguística, para sustentar a noção de que contatos linguísticos podem propiciar uma ampliação do acervo lexical de uma língua, mas que simultaneamente esse processo não se regula por imposição, até mesmo porque a preservação purista de um idioma não tem eco no uso efetivo que a sociedade faz de uma língua.

Inicialmente, ressaltamos que, para nossa pesquisa, a seleção de Lima Barreto atende a um pressuposto fundamental para o fazer do historiógrafo, salientado por Altman (1998, p. 24) da seguinte forma: “a atividade historiográfica, presume, inevitavelmente, uma atividade de seleção, ordenação, reconstrução e interpretação dos fatos relevantes (história *‘rerum gestarum’*) para o quadro geral de reflexão que constrói o historiógrafo”.

Nesse sentido, cumpre apontarmos que o estudioso da História das Ideias Linguísticas, nas palavras de Fávero e Molina (2006, p. 29),

mais que localizar a fonte de um pensamento, deverá analisar, no contexto em que foi criada a ideia, como frutificou, foi compreendida, difundida, interpretada e representada, mergulhando em sua profundidade, enxergando os fios que a constituíram e todos os seus reflexos, favorecendo uma melhor compreensão da Linguística atual (FÁVERO; MOLINA, 2006, p. 29).

Além disso, as autoras defendem que a “História das Ideias Linguísticas contempla o estudo das Instituições [...] pois o historiador deve projetar os fatos num hiperespaço que comporta essencialmente três tipos de dimensão: uma cronologia, uma geografia e um conjunto de temas” (FÁVERO; MOLINA, 2006, p. 25). Nesse ponto, o fato de a língua francesa desempenhar bastante influência na sociedade brasileira no final do Século XIX e início do XX ratifica nossa opção por trilhar o caminho que une história, língua e sociedade.

Em relação ao momento histórico, o Brasil vive no final do Século XIX e início do XX a *Belle Époque*, movimento francês baseado no Impressionismo e no estilo *Art Nouveau*, que, conforme Needell (1993), tem início, em 1898, na capital brasileira, com o governo Campos Sales (1898-1902). O autor sintetiza esse movimento no Brasil da seguinte forma:

A belle époque carioca inicia-se com a subida de Campos Sales ao poder em 1898 e a recuperação da tranquilidade sob a égide das elites regionais. Neste ano registrou-se uma mudança sensível no clima político, que logo afetou o meio cultural e social. As jornadas revolucionárias haviam passado, as condições para estabilidade e para uma vida urbana elegante estavam de novo ao alcance da mão (NEEDEL, 1993, p. 39).

No que se refere à Teoria da Variação e Mudança, Labov (1994) ressalta que toda língua apresenta variação, que é sempre potencialmente um desencadeador de mudança. Há de se considerar, inclusive, que existem imposições socioculturais que contribuem para que determinadas palavras sejam usadas e tenham conseqüente relevância na comunidade linguística, razão pela qual quem as despreza pode sofrer sanções pela comunidade linguística da qual participa (VALADARES, 2014).

Para Weinreich, Labov e Herzog (2006), a mudança linguística é entendida sob a ótica de uma conseqüência inevitável da dinâmica interna das línguas e se dá “(1) à medida que um falante aprende uma forma alternativa, (2) durante o tempo em que as duas formas existem em contato dentro de sua competência, e (3) quando uma das formas se torna obsoleta” (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 2006, p. 122).

Igualmente, eles salientam que os sistemas coexistentes podem ser conhecidos consoante “estilos, mas também como padrões, gírias, jargões, jeito antigo

de falar (*old talk*), níveis culturais ou variedades funcionais”. Os sistemas compartilhariam as seguintes propriedades:

1) oferecem meios alternativos de dizer “a mesma coisa”, ou seja, para cada enunciado em A existe um enunciado em B que oferece a mesma informação referencial (é sinônimo) e não pode ser diferenciado exceto em termos da significação global que marca o uso de B em contraste com A; 2) estão conjuntamente disponíveis a todos os membros (adultos) da comunidade de fala. Alguns falantes podem ser incapazes de produzir enunciados em A e B com igual competência por causa de algumas restrições em seu conhecimento pessoal, práticas ou privilégios apropriados ao seu status social, mas todos os falantes geralmente têm a capacidade de interpretar enunciados em A e B e entender a significação da escolha de A ou B por algum outro falante (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 2006, p. 97).

Valadares (2014) apresenta a visão de Labov de que

a mudança linguística não pode ser compreendida fora da vida social da comunidade em que ela se produz, uma vez que pressões sociais são exercidas constantemente sobre a língua, ou seja, a explicação da mudança linguística, em suas palavras, ‘parece envolver três problemas distintos: a origem das variações linguísticas; a difusão e propagação das mudanças linguísticas; e a regularidade da mudança linguística’ (LABOV, 2008, p. 19) (VALADARES, 2014, p. 38).

Assim, compreendemos que a união dos pressupostos da História das Ideias Linguísticas com a perspectiva da Teoria da Variação e Mudança Linguística são bases que sustentam a discussão por nós proposta neste trabalho. Na próxima seção, exploramos essa união para empreendermos a discussão teórico-conceitual e a análise da obra, em consonância com nossos objetivos.

TRILHANDO O PERCURSO TEÓRICO-CONCEITUAL E ANALISANDO O TEXTO DE LIMA BARRETO

Schwarcz (2019, p. 137-138) salienta que

por meio do conjunto de sua obra, expressa a partir de cartas, contos, romances, diários, peças de teatro, Barreto jamais deixou de tocar em alguns temas que o distinguiam dos demais literatos do cânone de época: o racismo, vigente no Brasil, a crítica a nossos estrangeirismos (chamados por ele de bovarismo) e a realidade da pobreza que migrava da capital para as periferias da cidade (SCHWARCZ, 2019, p. 137-138).

Nesse ponto, cumpre-nos observar que uma característica bastante presente na obra barretiana é a adesão a uma linguagem menos formal, mais alinhada à valorização da língua usada no Brasil e, simultaneamente sua visão contrária à adoção de estrangeirismos. Dessa maneira, podemos destacar que existe uma

dupla mão nesse processo: de um lado, seu desprezo em relação aos acadêmicos, que defendiam os espaços mais formais na escrita literária em detrimento de uma linguagem mais popular; de outro, sua literatura popular com franco objetivo de chegar até a população mais carente.

Assis (2008, p. 21) argumenta que “o texto literário deve ser considerado um espaço/objeto que permite trabalhar esse viés, já que constitui um espaço de reflexão, compreensão e interpretação dos sentidos sobre a língua e possibilita o exame desse espaço no passado de um povo”. Nesse aspecto, deparamo-nos com uma oposição entre os defensores de uma língua nacional, com intensa produção intelectual no quarto quartel do século XIX, com vistas a demonstrar que a língua utilizada no Brasil era diferente da de Portugal, e os que afirmavam ser o Português uma língua que deveria se localizar no período clássico, mantendo o vernáculo vindo de Portugal.

Sob tal perspectiva, é válido, em sala de aula, consideradas as produções literárias de Lima Barreto, explorar as críticas que ele faz aos estrangeirismos em suas obras e conectar isso a uma discussão sobre língua nacional da época, trazendo aos dias atuais em que se defende fortemente a existência de um Português do Brasil distinto do de Portugal e, por isso mesmo, um caminho que vem sendo construído, historicamente, desde a época de Lima Barreto, para a constituição dessa língua brasileira, ressaltando sempre todas as polêmicas advindas disso.

Em outros termos, um debate no espaço escolar, que possa inserir uma profícua conversa acerca de como a nossa língua brasileira vem se construindo ao longo dos tempos, encontra no texto barretiano várias possibilidades para reflexões que aliam, inclusive, dentre as características de seu texto, as variações diafásicas por ele usadas em suas produções, visto que sua literatura traz uma linguagem que se apresenta com menos formalidade e com um uso de estruturas gramaticais mais tipicamente brasileiras.

Similarmente, problematizar o texto literário como um espaço para reflexão sobre a língua, uma vez que a obra de Lima Barreto possibilita não só pensar esses espaços diafásicos ou mesmo o investimento em uma proposição de língua nacional como também modos de operar a circulação literária por meio de um esforço no qual a adoção de uma língua literária mais próxima ao povo conduz a esse caminho de maior fluxo de divulgação, ou seja, em sala de aula, é altamente frutífero o envolvimento de textos barretianos com vistas a debates sobre questões importantes e presentes em nosso cotidiano social e pedagógico.

Em relação à obra selecionada para nossa análise, tecemos algumas considerações sobre a História das Ideias Linguísticas, com o intuito de prospectar nossa

trilha teórico-conceitual e avaliar nosso percurso. Antes, trazemos Orlandi (1990, p. 35) que explica estar a história “ligada a práticas e não ao tempo em si. Ela se organiza tendo como parâmetro as relações de poder e de sentidos, e não a cronologia: não é o tempo cronológico que organiza a história, mas a relação com o poder (a política)”.

Para Barros (2007, p. 207), em se tratando da História das Ideias, há relações

[...] que se concretizam de alguma forma em discursos, sistemas de pensamento, sistemas normativos, paradigmas interdisciplinares, e movimentos políticos ou de qualquer outra ordem.

Em relação às abordagens possíveis aos historiadores das ideias – aos seus métodos e fontes históricas possíveis – são empregadas as mais diversas abordagens, indo das variadas possibilidades de análise do discurso aos variados aportes trazidos pelos desenvolvimentos da Linguística e da Semiótica (BARROS, 2007, p. 207).

Nesse sentido, pensando especificamente as ideias linguísticas, Auroux (1992) postula quanto ao que conduz e rege um saber linguístico que é fundamental a definição puramente fenomenológica do objeto, relativo às terminologias usadas na época em que o objeto para análise foi produzido; a neutralidade epistemológica, que perpassa o modo pelo qual o objeto é abordado e, para além, a implicação de se não dizer ou determinar se o objeto abordado é ou não ciência; e historicismo moderado, cuja necessidade de se resgatar os fatos históricos permitirá o entendimento do objeto em estudo, sem, por causa disso, colocá-los em primeiro plano e preterindo os aspectos linguísticos em análise.

Na visão de Orlandi (2001, p. 16),

fazer história das ideias nos permite: de um lado, trabalhar com a história do pensamento sobre a linguagem no Brasil, mesmo antes da Linguística se instalar em sua forma definida; de outro, podemos trabalhar a especificidade de um olhar interno à ciência da linguagem, tomando posição a partir de nossos compromissos, nossa posição de estudiosos especialistas em linguagem. Isto significa que não tomamos o olhar externo, o do historiador, mas falamos como especialistas de linguagem, a propósito da história do conhecimento sobre a linguagem. [...] portanto, capazes de avaliar teoricamente as diferentes filiações teóricas e suas consequências para a compreensão do seu próprio objeto, ou seja, a língua (ORLANDI, 2001, p. 16).

Sobre a visão acerca dos estrangeirismos, recorreremos à explicação de Ilari (2002) de que a incorporação de palavras estrangeiras é vista, historicamente, como um problema por gramáticos, escritores e políticos, tendo sido utilizados argumentos inócuos na tentativa de provar que importações de termos externos corrompem a língua portuguesa, localizando-os na esfera de vício de linguagem

(o barbarismo) e no domínio de “que deve ser combatido a todo preço” (ILARI, 2002, p. 73);

Mendonça (2008) assevera que os gramáticos inserem o uso de palavras estrangeiras

como vicioso quando há um correspondente em língua vernácula; há a necessidade de demarcação/separação do estrangeirismo com as aspas; há a necessidade de domesticação do estrangeirismo pela língua importadora, ou seja, a conformação daquele ao sistema linguístico desta; há uma reação ao estrangeirismo que representa perigo à unidade linguística nacional (na primeira metade do século XX, a língua estrangeira que representa esse perigo é o francês; na segunda metade, é o inglês) (MENDONÇA, 2008, p. 182).

Com base nos pressupostos da História das Ideias Linguísticas e da Teoria da Variação e Mudança, trazemos algumas considerações sobre purismo linguístico. Conceitualmente, na visão de Mattoso Câmara Jr. (1986, p. 202), trata-se de “uma atitude de extremado respeito às formas linguísticas consagradas pela tradição do idioma, que muitas vezes se assume na língua literária; a língua é considerada à maneira de uma água cristalina e pura, que não deve ser contaminada”. Para Rey (2001, p. 1.367),

a atitude purista é uma atitude normativa permanente que repousa num modelo unitário e fortemente seletivo da língua e não tolera nenhum desvio em relação a esse modelo predefinido, quaisquer que sejam as condições objetivas da vida linguística da comunidade. A norma purista deve ser única e permanente, já que ela serve para avaliar discursos emitidos durante um longo período de tempo (REY, 2001, p. 1.367).

Segundo Mendonça (2008, p. 183), “o purismo nacionalista produzido discursivamente nas gramáticas, ao longo do século XX, é atualizado na imprensa na voz do leitor do grande jornal, do político e do jornalista. Realiza-se a um diálogo em que, novamente, tem-se um processo parafrástico”.

Santos (2006), a esse respeito, salienta que

no final do século 19 e em boa parte da primeira metade do século 20, o temor do galicismo por pessoas cultas ou de certo preparo, exacerbado pelos chamados puristas, levou à publicação de diversas obras cujo objetivo era de alerta, doutrinação e condenação. E essa condenação, em geral pouco serena, na época dificilmente poderia ter fundamentação linguística (SANTOS, 2006, p. 1).

Nesse sentido, Leite (1999) postula que

as polêmicas linguísticas revelam ter vigorado naquela fase a certeza de que a língua portuguesa devia ficar fixada no período clássico, tido como o de maior esplendor e beleza. [...] não se admitiam interferências de palavras estrangeiras, nem de palavras

novas ou velhas. As palavras estrangeiras, especialmente francesas, representavam o perigo de transformar a língua, descaracterizá-la. As novas, desprestigiadas, eram negadas por desviarem a língua do caminho da perfeição. As velhas eram rechaçadas por fazerem parte de uma fase mais pobre da formação da língua. Enfim, tudo, no fundo, levava a um só caminho: preservar a tradição clássica do português (LEITE, 1999, p. 242).

Assis (2008, p. 54) crava que os puristas se preocupavam “com os desvios da norma, com as inadequações e ajustamentos corretivos na linguagem, considerando que o leitor fazia uma avaliação negativa daquilo que lia”, isto é, “dedicavam-se à condenação do emprego de estrangeirismos e neologismos”. Assim, “ideologicamente, lutavam pela preservação da língua, fosse por natureza política, econômica ou cultural”.

Disso decorre que o momento histórico, final do século XIX e início do século XX, em que se situa Lima Barreto, carrega em si o entendimento de que empréstimos linguísticos externos contrariavam, como bem observa Mendonça (2006, p. 44), “um mecanismo que ajuda a sustentar a atitude nacionalista de exaltação do sentimento nacional, atitude de preferência pelo que é próprio da nação à qual se pertence”.

Dispostos os caminhos teórico-conceituais, passamos à análise do texto de Lima Barreto. Iniciamos com uma apresentação¹⁹ de *Os Bruzundangas*, retirada da Tese de Doutorado de Lúcia Maria de Assis (2008):

[...] é um diário de viagem de um brasileiro que morou uns tempos na Bruzundanga, uma jovem república que lutava num ambiente de colapso do modelo escravocrata, deposto em 1889, embora ainda persistisse o predomínio dos grupos ligados à grande lavoura. Um país onde proliferavam elites incultas que dominavam o povo, racismo, pobreza, obsessão por títulos doutorais, literatura de enfeite, empolamento linguístico. [...] o livro encontra-se dividido em 22 capítulos, um Prefácio e ainda uma última parte intitulada Outras Histórias da Bruzundanga. Cada um desses capítulos constitui uma crônica, que privilegia determinados temas (ASSIS, 2008, p. 125).

Assis (2008, p. 17) sintetiza Lima Barreto, pontuando que

o literato suburbano critica a língua preciosista, a literatura empolada e fútil, as instituições de ensino que só servem para dar títulos à aristocracia, o ensino público, destinado a formar as pessoas da elite, a reforma urbana que desabriga as pessoas em nome de um retrato afrancesado do país, a República que desejava mostrar um Rio de Janeiro sem negros e sem pobres (ASSIS, 2008, p. 17).

¹⁹ Como não é nosso objetivo esmiuçar a obra, optamos por descrever minimamente sua estrutura e conteúdo para que nosso/nossa leitor/leitora possa estar contextualizado/contextualizada.

Assim, consideramos o autor e a obra selecionada instrumentos de construção do saber linguístico no qual é possível trilhar um caminho que atenda aos objetivos a que nos propusemos quando optamos por *Os Bruzundangas*. Nesse aspecto, é importante localizarmos o texto barretiano e, para tanto, recorremos a Assis (2008, p. 125):

Desse lugar, o narrador-viajante descreve a educação, a economia confusa, a legislação, a política, o processo democrático, a ciência, o exército. Açoita a República Velha, escrutina o estilo de ensino, debocha do modelo religioso, escarnece a Academia Brasileira de Letras, menospreza o valor do bacharelismo e o título doutoral e, finalmente, denuncia a profissionalização da política. Tudo isso constitui um quadro temático crítico e inteligente também das instituições e sociedade brasileiras (ASSIS, 2008, p. 125).

Ainda, é necessário explicitar pontos fundamentais relacionados a uma das principais características de Lima Barreto, a ironia. Em *Os Bruzundangas*, isso fica claro pelo modo como ele retrata um país fictício que tem completa associação com o Brasil, sendo, portanto, uma rica alegoria, que faz críticas à educação, à política, à igreja, aos costumes, enfim, à sociedade que se formava naquele momento histórico do início da República, com seus privilégios e suas desigualdades.

Ao contestar autoridades e subverter valores da sociedade brasileira, representada especialmente pela da capital, à época, Rio de Janeiro, Lima Barreto denuncia os vícios de uma estrutura política que ignora a real situação do país em detrimento de uma construção social ideal, ou seja, nessa alegoria ao Brasil, ele apresenta todo um mosaico social, cultural e político que se instaura via *Belle Époque*.

Nesse sentido, é importante destacarmos que a seleção lexical, de cunho mais popular, adotada por Lima Barreto imprime uma possibilidade maior de construção de sua ironia, visto que isso se configura em conformidade com uma maneira de provocar os conservadores. No entanto, dentro de um paradoxo evidente, ele se enquadra em uma legião de puristas, o que torna sua ironia mais imbricada porque alimenta suas críticas ao que a República prometeu e não cumpriu, mas simultaneamente o coloca em ataque à entrada de estrangeirismos para o acervo léxico nacional.

Nessa perspectiva, constatamos que, em *Os Bruzundangas*, Lima Barreto faz menção a uma língua elitizada dos literatos, mostrando um abismo desta com a língua do povo e que, por isso, não compreende a literatura daquele país, algo que, em sua visão, carregada de ironia, cria um grande distanciamento entre

a cultura popular e a europeizada, principalmente a francesa, que se importava naquele momento de constituição histórica.

Nesse ponto, fazemos um recorte para a consecução de nosso objetivo, a fim de que possamos analisar os galicismos presentes na obra *Os Bruzundangas*. É premente esclarecermos a riqueza da obra e as várias possibilidades de análise em diferentes matizes que ela nos propicia; todavia, devido a um percurso que já delineamos em nossa trajetória acadêmica, nossa escolha pela investigação de um *corpus* específico com galicismos se justifica.

Para empreender nosso estudo de estrangeirismos, optamos por selecionar as palavras/expressões em língua francesa²⁰ de cada um dos 22 capítulos do livro, além do Prefácio, do Capítulo Especial e das Outras histórias da Bruzundanga, configurando uma amostragem que encontra eco no fato de que, para cada capítulo, Lima Barreto trata de um tema da sociedade bruzundanguense, o que nos viabiliza proceder dessa maneira, já que assegura a circulação dos empréstimos externos franceses nos mais variados espaços sociais, culturais, econômicos e políticos, não se configurando um espaço restrito de possibilidade de emprego.

A seguir, por uma questão metodológica e de atendimento ao espaço desse texto, elaboramos um quadro com as palavras/expressões de língua francesa utilizadas por Lima Barreto, em itálico, no decorrer da obra em análise. Em seguida, apresentamos os resultados da busca no Dicionário Houaiss para a confirmação de registros das lexias com aportuguesamento e damos continuidade à análise.

Quadro 1 – Palavras/expressões em língua francesa²¹

TÍTULO/CAPÍTULO	PALAVRA/ EXPRESSÃO	PÁGINA
PREFÁCIO	<i>Le pauvre homme</i>	4
CAPÍTULO ESPECIAL – OS SAMOIEDAS	<i>plaquette</i>	14
	<i>toujours des perruques</i>	20
	<i>trouvaille</i>	25
I – UM GRANDE FINANCEIRO	<i>dernier bateau</i>	32
II – A NOBREZA DA BRUZUNDANGA	<i>tout court</i>	42
III – A OUTRA NOBREZA DA BRUZUNDANGA	<i>ci-devant</i>	49

²⁰ Há alguns usos de anglicismos, outros de Latim e de Espanhol, contudo nosso objetivo é tratar apenas do Francês por causa da influência mais efetivamente existente devido à *Belle Époque*.

²¹ No anexo, estão dispostos os trechos originais em que as palavras/expressões são utilizadas.

IV – A POLÍTICA E OS POLÍTICOS DA BRUZUNDANGA	<i>Ce que femme veut</i>	57
V – AS RIQUEZAS DA BRUZUNDANGA	<i>Briquettes</i>	60
VI – O ENSINO NA BRUZUNDANGA	----	--
VII – A DIPLOMACIA NA BRUZUNDANGA	----	--
VIII – A CONSTITUIÇÃO	----	--
IX – UM MANDA CHUVA	<i>Il faut finir, pour recommencer</i>	87
X – FORÇA ARMADA	<i>Sabots</i>	95
XI – UM MINISTRO	----	--
XII – OS HERÓES	----	--
XIII – A SOCIEDADE	----	--
XIV – AS ELEIÇÕES	<i>Engambée</i>	124
XV – UMA CONSULTA MEDICA	<i>Toilette</i>	134
XVI – A ORGANIZAÇÃO DO ENTHUSIASMO	----	--
XVII – ENSINO PRATICO	----	--
XVIII – A RELIGIÃO	----	--
XIX – Q. E. D.	----	--
XX – UMA PROVINCIA	<i>Touriste</i>	155
XXI – PANCOME, AS SUAS IDÉAS E O AMANUENSE	<i>boulevard</i>	163
	<i>touristes</i>	163
	<i>parvenus</i>	166
	<i>boulevards</i>	169
XXII – NOTAS SOLTAS	<i>Boulevards</i>	178
OUTRAS HISTÓRIAS DA BRUZUNDANGA	----	--

Do *corpus* retirado da obra *Os Bruzundangas*, estão aportuguesadas as palavras bulevar, placa/plaqueta, peruca, toalete e turista e encontram-se dicionarizadas no Houaiss, com a menção, no item etimologia, de sua origem na língua francesa, já turista figura como um anglicismo, isto é, dicionarizado por essa entrada e não pela da língua francesa, embora inicialmente tenha sido usada em francês pelos brasileiros. Aqui, cabe o registro de Schmitz (2001, p. 86) de que “a existência de palavras estrangeiras numa determinada língua não coloniza o pensamento nem tolhe o raciocínio, a criatividade e a originalidade dos que querem se expressar oralmente ou por escrito”.

Desse modo, constatamos que o aportuguesamento ocorreu para 6 palavras – bulevar, placa/plaqueta, peruca, toalete e turista, sendo que toalete/*toilette* coocorrem ainda em alguns usos pelo Brasil, ou seja, essas palavras circularam e tiveram adesão dos grupos sociolinguísticos, portanto se mantiveram em uso até

os dias atuais. *Boulevard* teve sua grafia original mantida, apesar de seu aportuguesamento, entretanto houve uma opção de não empregar em grafia portuguesa e uma ampliação semântica com sua utilização não remetendo ao significado original – avenida.

Assim, nos dados coletados, utilizando a classificação de Biderman (2001), não há decalque (versão literal do lexema-modelo concretizado, tendo em vista que tais palavras são calcos literais da palavra estrangeira). Existe a incorporação do vocábulo *boulevard* em sua grafia original, apesar de ter sido aportuguesada – *bulevar*; e adaptação da forma estrangeira à fonética e à ortografia brasileira para os demais aportuguesamentos dicionarizados que apontamos, ou seja, conforme nos assegura Zilles (2001, p. 157), “são os falantes que decidem se os termos permanecem com feição (próxima à) original, ou se desaparecem; e se permanecem, em que medida mantêm, ou não, as propriedades das formas originais”.

De outro modo, verificamos que as demais palavras – *trouvaille, tout court, ci-devant, briquettes, sabots, engambée* e *parvenus* – não se tornaram escolhas dos falantes brasileiros nas gerações seguintes, o que evidencia o fato de que o contato linguístico, historicamente, sempre existiu e que, de algum modo, as trocas linguísticas propiciam enriquecimento lexical de uma língua, mas que isso demanda efetiva necessidade para o jogo interativo, visto que o uso, por uma questão de prestígio, tende a não se sustentar por si.

Das expressões *Le pauvre homme, dernier bateau, Ce que femme veut e Il faut finir, pour recommencer*, podemos inferir que se trata de uma importação no ponto de vista do que Lima Barreto tacha de bovarismo; em outras palavras, uma tendência da sociedade ali retratada de fugir da realidade e imaginar condições de vida que não possuem, passando a agir tal qual se as possuíssem. De alguma maneira, então, em uma clara ironia à sociedade brasileira, ele insere tais expressões francesas na forma de uma mostra de pseudosuperioridade desses grupos sociais, algo bastante comum à época.

Em contraponto, citamos Fiorin (2001), que defende:

É preciso considerar que, se, do ponto de vista do sistema, certas formas estrangeiras têm correspondentes exatos em português, do ponto de vista do uso, a língua não tem formas vernáculas ou emprestadas que sejam correspondentes perfeitos. Assim, o uso de determinadas expressões estrangeiras conota “modernidade”, “requinte”, etc., conotações que as correspondentes vernáculas não possuem (FIORIN, 2001, p. 120).

Dessa maneira, ao fazer tais usos em seu texto, Lima Barreto aciona o mecanismo irônico de mostrar como a sociedade bruzundanguense funcionava, em termos de adoção de uma realidade linguística empolada, amaneirada

para a construção de um prestígio cuja base se fundamentava em importes que em muito pouco poderiam acrescentar ao acervo lexical da língua, em estreita alusão à sociedade brasileira.

Desse *corpus*, mesmo que reduzido, salientamos que, do ponto de vista sociolinguístico, a obra *Os Bruzundangas* nos conduz a um caminho que se relaciona aos contatos linguísticos inerentes às situações sociocomunicativas de qualquer grupo social em qualquer língua, que se sustenta pelo escopo da Teoria da Variação e Mudança Linguística. Por outro lado, não se consegue autorizar ou proibir usos linguísticos, porque eles acontecem ou não, são eternas maneiras de se empreender a interação de grupos sociais, característica de qualquer língua em meio a qualquer sociedade.

Mais ainda se entendermos que a influência da língua francesa remonta a séculos anteriores, conforme atesta Carvalho (2009):

A partir do século XVIII, intensificando-se no século XIX e atingindo as primeiras décadas do século XX, o mundo ocidental (e dentro dele o Brasil) tinha a França como modelo de civilização, língua e literatura. Essa forte penetração francesa deixou vestígios no vocabulário da moda (*godê, evasê, chique, tailleur, elegante*), da vida social (*carnê, menu, bistrô, restaurante*), da literatura (*mal do século, jogos de espírito*), das artes em geral (*art déco, silhueta, dublê, lilás, matinê*) (CARVALHO, 2009, p. 67-68).

Por isso, quando se pensa em purismo linguístico, não é possível manter controle dos usos que os falantes farão ou não, das decisões que tomaram ou tomarão para utilizar uma forma e não outra. Assim, apesar de, àquela época, não se ter o parâmetro científico e metodológico para essa compreensão, é sabido que esse *modus operandi* do ser humano em relação à linguagem é intrínseco. Sob esse viés, Fiorin (2001, p. 120-121) esclarece que, no início do século XX, “houve (...) uma corrente purista, que estava preocupada com os galicismos, pois o francês era a língua que mais fornecia empréstimos. Havia listas de formas vernáculas para substituir os galicismos, as escolas ensinavam-nas a todos os alunos”.

Nesse sentido, recorreremos, mais uma vez, ao escopo da História das Ideias Linguísticas, a fim de observarmos que a fonte de um pensamento, ao ser analisado em seu contexto, permite a verificação pela qual uma ideia pode ter sido compreendida, difundida, interpretada e representada. Nesse ponto, assevera Guedes (2012, p. 75), quanto a esse constructo de uma ideia, que

escrever fora dos padrões da escrita luxuosa naquela época é um posicionamento na sociedade. Uma escrita pomposa e afinada com a “erudição” e o academicismo era, normalmente, fruto do pensamento de grupos sociais ligados ao poder e crenes no

saber cientificista. Esse tipo de fazer literário é revelador de uma visão excludente, que não foca os grandes males sociais e que só concebe a palavra e a arte para alguns considerados intelectualmente refinados. Em *Os Bruzundangas*, esse segmento da literatura brasileira daquela época é trazido para a praça com as vestes e rituais dos acadêmicos samoiedas e ali é destronado a partir da figura do nobre literato (GUEDES, 2012, p. 75).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse texto, procuramos trilhar um percurso no qual o autor e a obra selecionada pudessem ser o eixo para uma investigação ancorada nas bases teórico-conceituais da História das Ideias Linguísticas e da Teoria da Variação e Mudança Linguística, com vistas a equalizar esses suportes como alicerces para uma análise linguística empreendida a partir da circulação de estrangeirismos em determinado momento histórico e em um espaço-tempo determinado, bem como seus desdobramentos.

Dessa maneira, entendemos que a construção de um saber linguístico, consideradas as análises a que nos propusemos e as configurações de constituição desse percurso, alinha-se aos fundamentos que embasam nosso fazer acadêmico, visto que argumentos aqui foram defendidos numa concepção multidisciplinar, que se filia aos pressupostos científicos por nós adotados, unindo ciência, sociedade e língua.

Desse modo, unindo dois conhecimentos científicos fundamentais para a consecução de nossos objetivos, sustentamos que contatos linguísticos proporcionam a ampliação do acervo lexical de uma língua, entretanto não é um processo que se legitima por imposição, uma vez que a preservação de um idioma não é obtida com atitudes puristas, mas sim, com o uso efetivo que a sociedade faz de sua língua.

Assim, ao analisarmos palavras emprestadas do Francês utilizadas por Lima Barreto em *Os Bruzundangas*, empreendemos uma discussão profícua quanto a alguns aspectos decorrentes do comportamento da sociedade que emergia ao final do Século XIX e início do Século XX no Brasil, com uma elite social que prevalecia com o intuito de manter seu *status quo*.

REFERÊNCIAS

ALTMAN, C. **Pesquisa linguística no Brasil (1968-1988)**. São Paulo: Humanitas/USP, FFLCH, 1998.

ASSIS, L. M. de. **Lima Barreto – Língua, Identidade e Cidadania**. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. 166p.

AUROUX, S. **A revolução tecnológica da gramatização**. Campinas: UNICAMP, 1992.

BARRETO, L. **Os Bruzundangas**. Rio de Janeiro: Jacintho Ribeiro dos Santos Editor, 1922.

BARROS, J. D'A. História das Ideias – em torno de um domínio historiográfico. **Locus: revista de história**. Juiz de Fora, v. 13, n. 1, p. 199-209, 2007.

BIDERMAN, M. T. C. **Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CARVALHO, N. M. de. **Empréstimos linguísticos**. São Paulo: Cortez, 2009.

FÁVERO, L. L.; MOLINA, M. A. G. **As concepções linguísticas no século XIX: a gramática no Brasil**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

FIORIN, J. L. Considerações em torno do projeto de lei nº 1676/99. O projeto de lei nº 1676/99 na imprensa de São Paulo. In FARACO, C. A. (org.). **Estrangeirismos guerras em torno da língua**. São Paulo: Editora Parábola, 2001. p. 107-125.

GUEDES, A. da S. **Diálogos de Lima Barreto com o cientificismo em Os Bruzundangas e O Subterrâneo do Morro do Castelo**. Tese (Doutorado em Letras – Estudos Literários), Universidade Federal Fluminense, 2012. 252p.

ILARI, R. **Introdução ao estudo do léxico**. São Paulo: Contexto, 2002.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LABOV, W. **Principles of linguistic change**. Oxford: Blackwell, 1994. v. 1.

LEITE, M. Q. **Metalinguagem e discurso: a configuração do purismo brasileiro**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1999.

MATTOSO CÂMARA JR., J. **Dicionário de linguística e gramática**. 13ª ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1986.

MENDONÇA, M. C. O purismo linguístico na mídia brasileira na passagem do século XX para o século XXI. **Revista da ANPOLL**, v. 2, p. 169-191, 2008.

MENDONÇA, M. C. **A luta pelo direito de dizer a língua:** a linguística e o purismo linguístico na passagem do século XX para o século XXI. Tese (Doutorado). Unicamp, Campinas, SP, 2006. 249p.

NEEDELL, J. D. **Belle Époque tropical.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ORLANDI, E. P. **Terra à vista!:** discurso do confronto: velho e novo mundo. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

ORLANDI, E. P. **História das ideias linguísticas:** construção do saber metalinguístico e constituição da língua nacional. (org.). Campinas/SP: Pontes; Cáceres/MT: Unemat Editora, 2001.

REY, A. Usos, julgamentos e prescrições linguísticas. In BAGNO, Marcos (org.). **Norma linguística.** São Paulo: Loyola, 2001.

SANTOS, A. S. dos. **Dicionário de anglicismos e de palavras inglesas correntes em português.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

SCHMITZ, J. R. A língua portuguesa e os estrangeirismos. In FARACO, C. A. (org.). **Estrangeirismos – guerras em torno da língua.** São Paulo: Parábola, 2001. p. 85-106.

SCHWARCZ, L. K. M. Lima Barreto e a escrita de si. **Estudos Avançados, USP,** v. 33, n. 96, p. 137-153, 2019.

SCHWARCZ, L. K. M. Da minha janela vejo o mundo passar: Lima Barreto, o centro e os subúrbios. **Estudos Avançados, USP,** v. 31, n. 91, p. 123-142, 2017.

VALADARES, F. B. **Uso de estrangeirismos na língua portuguesa.** Dissertação (Mestrado em Letras: Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2002. 155p.

VALADARES, F. B. **Uso de estrangeirismos no Português Brasileiro:** variação e mudança linguística. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, São Paulo, 2014. 190p.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística.** Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

ZANON, M. C. FON-FON! Um registro da vida mundana no Rio da Belle Époque. **UNESP/FCLAs/CEDAP,** v.1, n. 2, 2005. p. 18-30.

ZILLES, A. M. S. Ainda os equívocos no combate aos estrangeirismos. In FARACO, C. A. (org.). **Estrangeirismos** — guerras em torno da língua. São Paulo: Parábola, 2001. p. 143-161.

ANEXO

LE PAUVRE HOMME!

E' que este doutor dos *mayages* de que nos fala o celebre livrinho sabia perfeitamente que não estancava e tinha o hábito de reservas mentaes. Não açambarcava, mas *alliviava* logo uma grande porção de mercadorias para o estrangeiro, por qualquer cousa, de modo que... *Le pauvre homme!* Podia até illudir o nosso pobre Beckmann!

PLAQUETTE

monias escolares, cifrando-se, as mais das vezes, a sua obra escripta em uma *plaquette* de fantasias de meni-

no, collectaneas de ligeiros artigos de jornal ou num massudo compendio de aula, vendidos, na nossa moeda, á razão de quinze ou vinte mil réis o volume.

TOUJOURS DES PERRUQUES

Havia mais bellezas de igual quilate e outras originalidades. Não obstante, quando appareceu, foi um louco successo de riso muito parecido com o do «Tremôr de terra de Lisboa», aquella celebre tragedia do cabelleiro André, a quem Voltaire invejou e escreveu, entretanto, ao receber-lhe a obra, que continuasse a fazer sempre cabelleiras — *toujours des perruques*, snr. André.

TROUVAILLE

Worspikt concordou tambem e prometteu aproveitar a maravilhosa *trouvaille* do amigo de letras.

DERNIER BATEAU

A fama do dr. Karpatoso subia e a sua elegancia tambem. Fez uma viagem á Europa, para estudar o mecanismo financeiro dos paizes do velho mundo. Voltou de lá naturalmente mais sábio; o que, porém, elle trouxe de facto, nas malas, e foi verificado pelos elegantes do paiz, foram fatos, botas, chapéus, bengalas, *dernier bateau*, como dizem os «smarts» das colonias francezas da Asia, da Africa, da America e da Oceania.

TOUT COURT

O titulo — Dr. — anteposto ao nome, tem na Bruzundanga o effeito do — Dom' — em terras de Espanha. Mesmo no Exercito, elle sôa em todo o seu prestigio nobiliarchico. Quando se está em face de um coronel com o curso de engenharia, o modo de trat-o é materia para atrapalhações protocollares. Se só se o chama *tout court* — Dr. Kamisão, — elle ficará zangado porque é Coronel; se se o designa unicamente por Coronel, elle julgará que o seu interlocutor não tem em grande consideração o seu titulo universitariomilitar.

CI-DEVANT

O recente nobre, *ci-devant* Ferreira, estomagou-se e não quiz mais conversas com aquelle velho decrepito que tinha da nobreza idéas tão caducas. Não lhe deu mais tréla.

CE QUE FEMME VEUT...

Disse-nos um velho que conheceu escravos na Bruzundanga que foram ellas, as irmãs dos Collegios ricos, as mãis tenazes inimigas da abolição da escravidão. Dominando as filhas e mulheres dos deputados, senadores, ministros, dominavam de facto os deputados, os senadores e os ministros. *Ce que femme veut...*

BRIQUETTES

A Bruzundanga tem carvão, mas não queima o seu nas fornalhas de suas locomotivas. Compra-o á Inglaterra, que o vende por bom preço. Quando se pergunta aos sabios do paiz porque isto se dá, elles fazem um relatorio deste tamanho e nada dizem. Falam em calorias, em teôr de enxofre, em escorias, em grelhas, em fornalhas, em carvão americano, em *briquettes*, em camadas e nada explicam de todo. Os do povo,

IL FAUT FINIR, POUR RECOMMENCER...

O que pretendo agora, nestas linhas, é fornecer aos leitores o typo de um presidente da curiosa Republica, infelizmente tão mal conhecida entre nós — cousa de lastimar, pois ella nos podia fornecer modelos que nos levassem de vez a completo desastre. *Il faut finir, pour recommencer...*

SABOTS

Quando não lhes é possível de todo mudar os, reformam o feitiço do bonet ou do calçado. E' assim que já usam os officiaes do Exercito de lá, cothurnos, borzeguins, ndalias, *sabots* e aquillo que nós chamamos aqui—tancos.

ENGAMBÉE

Sentei-me, mostrei o meu titulo, assignei um livro, depuz a cedula na urna e fiquei um momento scismando diante da esbelteza de um longo arco abatido que, de uma unica *engambée* e com uma flexa relativamente diminuta, vencia, com suave elegancia, toda a largura do atrio do palacio vice-real, onde funcionava a secção eleitoral. (*).

TOILETTE

Krat-ben-Suza foi-lhe dizendo logo o terrível mal no estomago de quê vinha soffrendo, ha tanto tempo, mal que apparecia e desaparecia mas que não o deixava nunca. O dr. Adhil-ben-Thaft fel-o tirar o pãletot, o collete, auscultou-o bem, examinou-o demoradamente, tanto de pé como deitado, sentou-se depois, enquanto o negociante recompunha a sua modesta *toilette*.

TOURISTE

Seria enfatiar o leitor querer dar detalhes das prerogativas que usufruem as provincias. Com isto, faria obra de estudioso de cousas legislativas e não de viajante curioso que quer transmittir aos seus concidadãos detalhes de costumes, que mais o feriram em terras estranhas. Faço trabalho de *touriste* superficial e não de erudito que não sou.

BOULEVARD

infantilmente fabricar, no palacio do seu ministerio, uma Bruzundanga peralvilha e casquilha, genero *boulevard*, sem os javanezes que incommodavam tanto os estrangeiros e provocavam os remoques dos caricaturistas da Republica das Planicies, limitrophe, e tida como rival da Bruzundanga.

TOURISTES

Emfim, elle não era ministro, para felicitar os seus concidadãos, para corrigir-lhe os defeitos em medidas adequadas para accentuar as suas qualidades, para aperfeiçoal-as, para encaminhar melhor a evolução do paiz, accelerando-a como pudesse; o visconde era ministro para evitar aos extranhos, aos *touristes*, contratempos e máos encontros com javanezes. Elle chegou até a preparar uma guerra criminosa para ver se dava cabo destes ultimos...

PARVENUS

Todos os vates de lá, em geral, são incapazes de comparação, de crítica e improprios para a menor reflexão mais detida, e, com a sua mentalidade de *parvenus* apetrúados, estão sempre dispostos a bajular os titulares ou os apatacados burguezes, para terem o prazer de ver mais perto as suas mulheres e filhas, pois se persuadiram que são ellas feitas de outra substancia diferente d'aquella que forma ás cozinheiras e os pequenos burguezes.

BOULEVARDS

A sua vontade foi feita; e a curiosa nação, em Pariz foi muitas vezes apregoada nos *boulevards* como o ultimo especifico de pharmacia ou como uma marca de automoveis. Contam-se até engraçadas anedoctas.

BOULEVARDS

Certo dia scismou em percorrer, a pé, um dos mais centraes *boulevards* da cidade. Esta recente via publica cortava muitas outras estreitas da antiga cidade e, em todas as esquinas, elle encontrou os urbanos (guarda civis) nos seus postos. Todos estes modestos policiaes